



Territórios da memória: saberes locais e patrimônio vivo em Garopaba

Sofia Pineda Fajardo | sofiapinedafajardo@gmail.com¹
Carlos Guilherme Cristelli Soares | carlos.guilherme@ifsc.edu.br²
Renata Waleska de Sousa Pimenta | renata.waleksa@ifsc.edu.br³
Claudete Medeiros | claudetemedeiros@gmail.com⁴

EDITAL 01/2025/CÂMPUS GAROPABA

Trabalho de Pesquisa

DT 1 - Cultura, Comunicação, Territórios e Mediações Organizacionais

Resumo

A cidade de Garopaba, litorânea, sofreu profundas transformações no espaço urbano e nas dinâmicas socioculturais. Nesse processo, as memórias comunitárias constituintes do patrimônio sócio-cultural, preservadas oralmente, vêm sendo perdidas, muito devido a um processo de patrimonialização hegemônico que relega ao esquecimento heranças alteritárias. O presente projeto propôs-se, então, a mapear e valorizar aquele patrimônio mediante escuta e registro de narrativas orais de moradores antigos (com 60 anos ou mais) do centro histórico da cidade, numa parceria do IFSC Garopaba com a Diretoria de Cultura da Prefeitura de Garopaba. Para tanto, a metodologia utilizada dividiu-se em 5 etapas: identificação/contato de e com moradores possuidores de vínculos significativos com o contexto local; aplicação de uma entrevista de história oral, sistematização das informações, análise teórica delas e devolutiva da pesquisa (em andamento). A partir do conjunto das narrativas escutadas foi possível esboçar imagens da memória comunitária sobre o passado, reconstituindo assim para a posterioridade elementos dessas heranças imateriais.

Palavras-chave: território; Garopaba; história oral; memória.

Introdução

Garopaba, cidade no litoral sul de Santa Catarina, possui rico patrimônio histórico-cultural marcado por práticas/modos de vida ligados à pesca artesanal, à religiosidade popular e às comunidades tradicionais (e.g. açorianas e quilombolas).

¹ Egressa do curso técnico integrado em Administração do IFSC campus Garopaba, discente do curso de Ciências Sociais na UFRGS.

² Psicólogo no IFSC campus Garopaba.

³ Docente no IFSC campus Garopaba.

⁴ Servidora da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Garopaba.

Todavia, grande parte das memórias que constituem esse patrimônio permanece pouco registrada, especialmente narrativas orais de moradores mais antigos, que vivenciaram profundas transformações nos espaços e dinâmicas socioculturais da cidade. Esse silenciamento reflete um processo de patrimonialização historicamente centrado em modelos hegemônicos de desenvolvimento social (IPHAN, 2015), que marcaram tais transformações e tendem a subalternizar saberes alteritários (Pollak, 1989).

Esta pesquisa, parceria entre o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) Câmpus Garopaba e a Diretoria de Cultura da Prefeitura de Garopaba, objetivou mapear e valorizar o patrimônio histórico-cultural de Garopaba mediante a escuta das memórias de moradores antigos do centro histórico, reconhecendo, sob uma abordagem decolonial, os saberes populares e as práticas culturais como formas legítimas de conhecimento e resistência — manifestações significativas de dimensões do patrimônio imaterial.

Fundamentação teórica

A pesquisa fundamentou-se em abordagens interdisciplinares que articulam os campos da história oral, da psicologia comunitária e da educação patrimonial sob viés decolonial. A história oral, na vertente crítica e participativa, como defendida por Paul Thompson (1992), é adotada aqui como instrumento metodológico e político para a escuta de narrativas tradicionalmente excluídas dos registros documentais — especialmente as de antigos moradores vinculados aos modos de vida tradicionais. A psicologia social e comunitária, representada aqui por Maritza Montero (2004) e Ignacio Martín-Baró (1998), sustenta uma ética da escuta e da relação, na qual a participação dos sujeitos não é apenas instrumental, mas constitui o próprio sentido da pesquisa como prática emancipatória. A noção de patrimônio cultural, discutida por Françoise Choay (2001) e institucionalizada pelo IPHAN (2015), é mobilizada criticamente: ao simultâneo reconhecimento da importância das ações oficiais de salvaguarda, reafirma-se a necessidade de reorientar o processo patrimonial a partir da escuta ativa, da valorização das memórias cotidianas e da incorporação de epistemologias plurais.

O viés decolonial, baseado aqui em Aníbal Quijano (2005) e Catherine Walsh (2019), propõe a crítica a formas eurocêtricas de produção do conhecimento e de preservação do patrimônio cultural, compreendendo que a colonialidade do saber

continua operando nas estruturas acadêmicas, institucionais, etc., silenciando saberes locais, afro-brasileiros e populares. Logo, este estudo buscou tensionar hierarquias epistêmicas ao reconhecer a centralidade dos saberes comunitários e o protagonismo de sujeitos do território.

Procedimentos metodológicos

O estudo consistiu em uma pesquisa qualitativa aplicada, com caráter exploratório e participativo. Após o aceite dos participantes e assinatura do TCLE, foi realizada uma entrevista que continha um questionário semiestruturado cujo roteiro era composto por perguntas direcionadoras divididas em 4 blocos: Dados pessoais e familiares; Memórias do Território; Cultura, Trabalho e Religiosidade; Patrimônio e Pertencimento. A sistematização das informações ocorreu mediante a escuta integral dos registros e escrita em tópicos do que cada entrevistado falou. A análise foi realizada a partir da relação entre as divergências/convergências das diferentes narrativas com a teoria e interdiscursos. Foram realizadas quatro entrevistas com pessoas que tinham entre 78 e 95 anos de idade e viveram em Garopaba quando não toda sua vida, a maior parte dela.

Resultados e discussões

Percebeu-se pelo relato de todos os entrevistados que havia uma constituição social bem diferente do que existe hoje. A atividade de pesca era central para a economia da cidade e vida das famílias do território, sendo majoritariamente executada pelos homens. Às mulheres cabiam atividades diversas como: auxiliar na pesca, trabalhar com artesanato, trabalhar na escola, cuidar de casa, entre outras. Nessa distinção de gênero, foi relatado que na Salga do Seu Dedê somente as mulheres trabalhavam. Apesar do território ter sido uma armação baleeira, os entrevistados pouco se lembram ou não quiseram relatar sobre a caça às baleias.

As festas religiosas tinham grande impacto, trazendo um grande número de fiéis para a comunidade. Todos os entrevistados relataram que tais festas não têm mais o mesmo apelo de antes e que não há mais a comoção social para que elas sejam realizadas, tornando-se comemorações menores dentro do território. Aliás, isso é algo

que a maior parte deles lamenta, pois percebem que há valorização de outros elementos e festividades e que essas comemorações antigas estão se perdendo na memória. Outro aspecto que se queixam estar sendo perdido é o senso de comunidade e amizade. Aparentemente, havia muita troca entre os moradores, com forte vínculo da comunidade, essa estratégia parecia ser importante para a própria sobrevivência, uma vez que os recursos eram escassos e o acesso a outras localidades era bastante difícil. Assim, parecia se configurar como um grupo com identidade própria, relações de poder diferenciadas e atividades em prol de um objetivo comum, satisfazendo os critérios para definição de grupo de Martin-Baró (1998).

O turismo começou a se fortalecer e se tornar uma atividade econômica no município a partir dos anos 1970. Além de acolherem os turistas, alguns moradores começaram a executar atividades em prol do turismo, como a inauguração do primeiro hotel da cidade e os passeios de barco à Ilha do Coral feita pelos pescadores. Apesar de considerarem a importância dos ganhos econômicos, os moradores antigos também problematizaram essa mudança nas atividades da cidade, ressaltando malefícios como drogas ilícitas e a percepção de enfraquecimento dos laços sociais. Uma entrevistada, que é uma mulher negra, relatou perceber que hoje existe racismo na cidade. No entanto, houve relatos de que a configuração geográfica da cidade parecia dividida, pois as pessoas brancas moravam no centro histórico e os negros e pobres moravam na área chamada de cancha (lugar com dunas onde ocorria as corridas de cavalos). Também, foi relatado sobre a divisão entre brancos e negros que era feita nos bailes. Em relação a esse último aspecto, Montero (2004) resalta que na comunidade existem processos psicossociais de habituação e naturalização, que nada mais são que os hábitos cotidianos daquele grupo e a naturalização das práticas ali presentes, com aceitação acrítica da realidade vivida, sendo a problematização dessa realidade um mecanismo para implodir o que é dado pela ideologia dominante mediante um processo de desideologização e conscientização. Em uma interpretação das entrevistas à luz dessa teoria, podemos dizer que os vínculos sociais, somados aos processos de habituação e naturalização, podem ter contribuído para a manutenção de uma ideologia racista no território, sem que algumas pessoas se dessem conta da opressão a que estavam submetidas. A partir do rompimento dos vínculos como eram antigamente, pode ter havido a mobilização da consciência, com a percepção das diferenças próprias do racismo estrutural.

Pelos relatos, o rio que dividia o centro histórico da cancha era mais caudaloso e havia um pontilhão de madeira que permitia a passagem. Na convergência dos relatos, a manutenção dessa ponte era realizada por uma senhora negra chamada Serafina, que carregava as madeiras necessárias e brigava com quem fazia mau uso da ponte. O zelo era tamanho que a travessia era conhecida como “Ponte da Serafina”. Indubitavelmente, Serafina teve grande relevância na comunidade e trazer à tona sua história e contribuição é um dos papéis da história oral no que tange à busca pela história de grupos minorizados ressaltando a importância do que Pollak (1989) chamou de memória subterrânea. Em relação aos feitos dos homens frequentemente citados nas histórias da cidade, um nome importante é João Orestes de Araújo. Os relatos apontam que ele foi o grande responsável pela emancipação de Garopaba na década de 1960.

Considerações finais

A partir do que foi obtido pelas entrevistas percebe-se que atingimos os nossos objetivos que, resumidamente, consistiam em registrar e valorizar, por meio de entrevistas de história oral, as vivências e narrativas dos moradores antigos de Garopaba, preservando aspectos do patrimônio imaterial, fortalecendo a memória social e cultural, e promovendo a relação entre território, identidade e memória de forma ética e sensível.

Outrossim, observou-se o princípio da indissociabilidade dos três pilares - ensino, pesquisa e extensão - ao nível comunitário. Ao remodelar as fronteiras entre conhecimento científico, saberes populares/tradições orais e fortalecimento do protagonismo comunitário na preservação e na transmissão de modos de vida do território, houve o fomento do exercício popular da função social na e da produção científica. Portanto, é uma oportunidade para que estudantes e moradores aprendam sobre o próprio território (ensino e extensão), que as pessoas que contribuíram para a construção desse espaço estejam envolvidas (extensão), produzindo conhecimento (pesquisa).

Referência ao fomento recebido



Agradecemos ao IFSC campus Garopaba que mediante o EDITAL 01/2025/CÂMPUS GAROPABA possibilitou a execução desse projeto.

Referências

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.

IPHAN. **Cartilha do Patrimônio Cultural Imaterial**. Brasília: IPHAN, 2015.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Psicologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MONTERO, Maritza. **Introdução à psicologia comunitária**. São Paulo: Cortez, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. CLACSO, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WALSH, Catherine. **Pedagogias decoloniais: práticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir**. São Paulo: Vozes, 2019.